

LEITURA EM REVISTA: A COLUNA *HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS* (1948)

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza¹

Resumo: O estudo visa a identificar e analisar formas de ler e aprender na coluna História do Brasil para Crianças (1948), da revista Vida Infantil. Trata-se de uma revista infantil que circulou em território brasileiro de 1947 a 1960. Busca-se analisar uma coluna de cunho pedagógico, de modo a se observar elementos discursivos para formar e instruir a criança na disciplina escolar de História do Brasil.

Sobre *Vida Infantil*: a revista que diverte, educa e instrui

O presente artigo, derivado da minha pesquisa de mestrado, visa analisar a coluna *História do Brasil para Crianças* componente da revista *Vida Infantil*. A revista é adotada como objeto e fonte de pesquisa tanto para este trabalho quanto para a dissertação em curso. Salienta-se, assim, que esta pesquisa se situa em áreas fronteiriças de estudo, focalizando a História da Educação e a História da Leitura, buscando compreender a dimensão educativa e instrutiva do impresso.

Vida Infantil circulou no Brasil entre 1947 e 1960 e foi editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. De novembro de 1947 a junho de 1951, a revista circulava com uma periodicidade mensal; já a partir de julho de 1951 passou a ser quinzenal. A editora tinha sede no Distrito Federal e era igualmente responsável pela edição das revistas *Vida Doméstica*² (1920 – 1963) e *Vida Juvenil*³ (1949 – 1959).

Vida Infantil buscava se consolidar como uma revista de amplitude no mercado, visto que investia em três áreas de possíveis interesses para seu público consumidor em potencial, isto é, as crianças: o entretenimento, o educativo e o instrutivo. O lema da revista, inclusive, registrava que a revista visava *Divertir, Educar e Instruir*, subtítulo adotado pela revista a partir de dezembro de 1948. O entretenimento e a diversão ficavam a cargo das Histórias em Quadrinhos e das piadas; a educação se dava a partir de histórias de cunho moral, em especial, contos e algumas Histórias em Quadrinhos; e a instrução podia ser identificada em algumas colunas, como, por exemplo, em *História do Brasil para crianças*.

Desse modo, Bakhtin (2014) contribui para as análises, uma vez que põe luz ao “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações” (p. 127), cujo suporte, nesta pesquisa, se dá por uma revista. O autor argumenta que essa interação não perpassa apenas o âmbito da comunicação em voz alta, mas por todas as formas de comunicação humana, inclusive por meio do impresso. Assim, o impresso em destaque neste artigo é considerado um elemento da comunicação verbal, sendo “objeto de discussões ativas” (p. 127) entre autor e leitor. Amplio a discussão trazendo o que Chartier (2011) trata da qualidade dos leitores: o ideal e o real. A interação entre autor e leitor, possibilitada através do impresso, implica, então, numa tensão entre

¹ Membro de Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação – GRUPEEL (FAPERJ/CNPQ/UERJ), <<http://grupeel-uerj.blogspot.com.br>>, sob orientação da Profª Drª Márcia Cabral da Silva (UERJ), na condição de bolsista de mestrado (CNPq). E-mail: marianaeppss@gmail.com.

² *Vida Doméstica* foi uma revista brasileira que circulou mensal (posteriormente, quinzenal e semanalmente), cuja sede se localizava no Rio de Janeiro e era voltada para o público feminino. Circulou no país entre 1920 e 1963. Mais informações, conferir em SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. Dissertação de mestrado em educação. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2011.

³ *Vida Juvenil* carece de pesquisas. É possível afirmar, porém, que era editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, circulou mensalmente entre 1949 e 1959 e era voltada para adolescentes e jovens de ambos os sexos.

esses dois elementos, visto que o autor direciona seu discurso para determinado leitor (*leitor ideal*, segundo Chartier, 2011) e, em verdade, quem o consome é o *leitor real*, o qual comprehende, interpreta e interage com a obra de acordo com a sua realidade, suas práticas sociais e culturais e sua forma de constituir o sentido de um texto (Chartier, 2011).

Por fim, nos limites deste trabalho, serão privilegiadas três edições da coluna *História do Brasil para Crianças* durante o ano de 1948: as edições de número 3, 9 e 14, relativas aos meses de janeiro, julho e dezembro, respectivamente. A coluna, assinada pelo Professor Carlos Marinho de Paula Barros, buscava narrar determinados eventos da História do Brasil e a cada publicação era trazido um desses eventos, os quais eram contados, ao longo do período de duração da revista, de maneira cronologicamente linear, em uma espécie de “linha do tempo”.

Sobre ensinar e aprender a História do Brasil para Crianças

A primeira edição analisada, de janeiro de 1948, se intitulava “Os habitantes da terra”. Como é possível inferir pelo título, o texto tratava dos índios habitantes da terra supostamente descoberta pelos portugueses. O texto conta que no momento de chegada dos navios de Pedro Álvares Cabral os navegantes portugueses “foram recebidos por homens de outra raça e com outros costumes”, os quais são apresentados como índios. Carlos Marinho de Paula Barros os descreve da seguinte maneira: “eram de cor amarelo avermelhado ou cor de cobre, tinham pouca barba, não usavam roupas e viviam pelos campos e matos. Comiam peixes e outros animais, frutas e farinha e, por serem muito atrasados, eram, principalmente, guerreiros”. A descrição atribuída aos índios no que concernia à aparência, aos hábitos alimentares e ao local de convívio parece reduzi-los e concentrá-los em apenas uma forma de ser, viver e se alimentar, como se se pudesse homogeneizar todas as tribos indígenas da região. Além disso, a afirmação do professor de que eram “muito atrasados” e “guerreiros” também apresenta problemas, uma vez que tais conceitos são reduzidos e preconceituosos, em especial, o que se comprehendia por “atrasado”. Nota-se, assim, um discurso reduzido e ideologicamente comprometido, sob a ótica do colonizador.

O autor cita algumas das “descobertas” e práticas indígenas que ainda existiam à época de escrita do texto, tais como o consumo do guaraná, planta bastante conhecida pelos índios, segundo o autor, a descoberta e o uso da borracha e o consumo da mandioca, material utilizado na produção de farinhas e da tapioca. A explicação é válida para mostrar ao público leitor do que é feito certos alimentos que poderiam ser consumidos por eles mesmos, salientando a história desses alimentos.

Pondera-se, também, que “os portugueses aprenderam várias coisas com os índios”, como “fabricar jangadas, canoas e cestas”. Omitem-se os processos de colonização que ocorreram, com frequência, por meio da força física e as disputas de ordem material e simbólica. Além daquilo que os “portugueses aprenderam com os índios”, o autor também apresenta o que os índios aprenderam – e gostaram – com os portugueses. Segundo ele, “os índios dançavam muito bem e, depois, quando conheceram a música dos portugueses, ficaram encantados com ela”. Mais uma vez, percebe-se o tom de leveza e harmonia atribuída à relação entre portugueses e índios.

O último parágrafo, enfim, anuncia o que seria contado no número seguinte. Observe:

No próximo número contaremos a história interessantíssima de um português que, caindo prisioneiro desses índios ferozes, conseguiu se livrar pregando-lhes um susto e acabou casando com a filha do tuxaua – como naquelas lindas histórias do tempo das fadas.

Como se infere, a ideia de “índios ferozes” e de portugueses como vítimas permanece na edição subsequente, mas, além disso, apresenta uma história de amor, “como naquelas lindas histórias do tempo das fadas”, histórias que faziam parte de grande número dos leitores de *Vida Infantil*. Tratava-se, assim, de uma estratégia de propaganda para tentar fidelizar o público e incentivar os leitores a consumirem a revista no mês seguinte, estratégia observada em outras edições, como veremos.

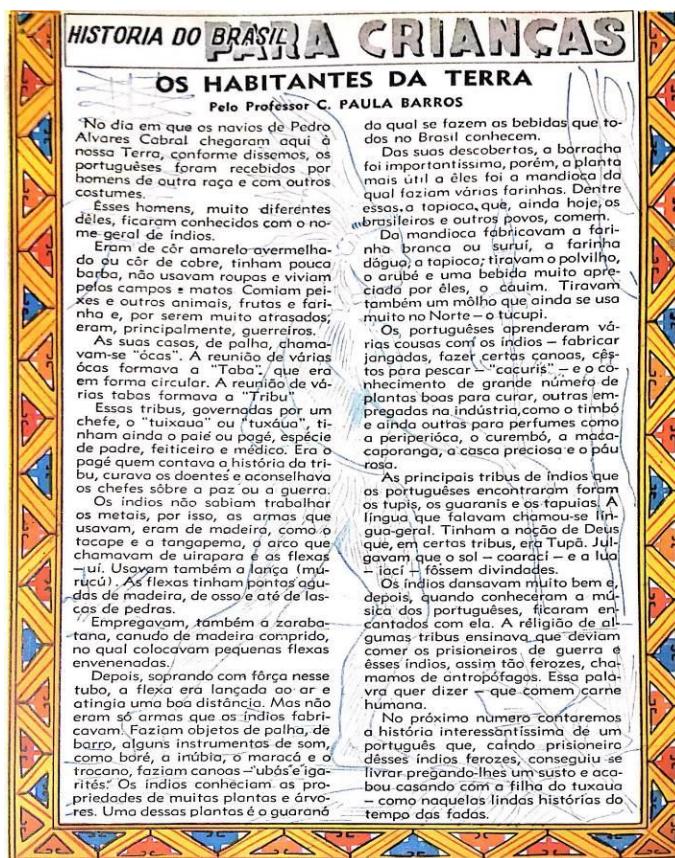


Imagem 1: Coluna *História do Brasil para Crianças* (jan. 1948). Fonte: Depositário FBN

O segundo exemplar de *Vida Infantil* analisado neste trabalho é o do mês de julho de 1948. Nesta edição, a coluna tratou do “Evangelho nas Selvas”, título tirado do poema de Luiz Nicolau Fagundes Varela, segundo aponta Paula Barros. O texto trata da catequese e do processo de evangelização dos índios. Sobre isso, Paula Barros afirma que “catequizar (...) quer dizer: ensinar, instruir e, principalmente, convencer, sobre as coisas da religião”.

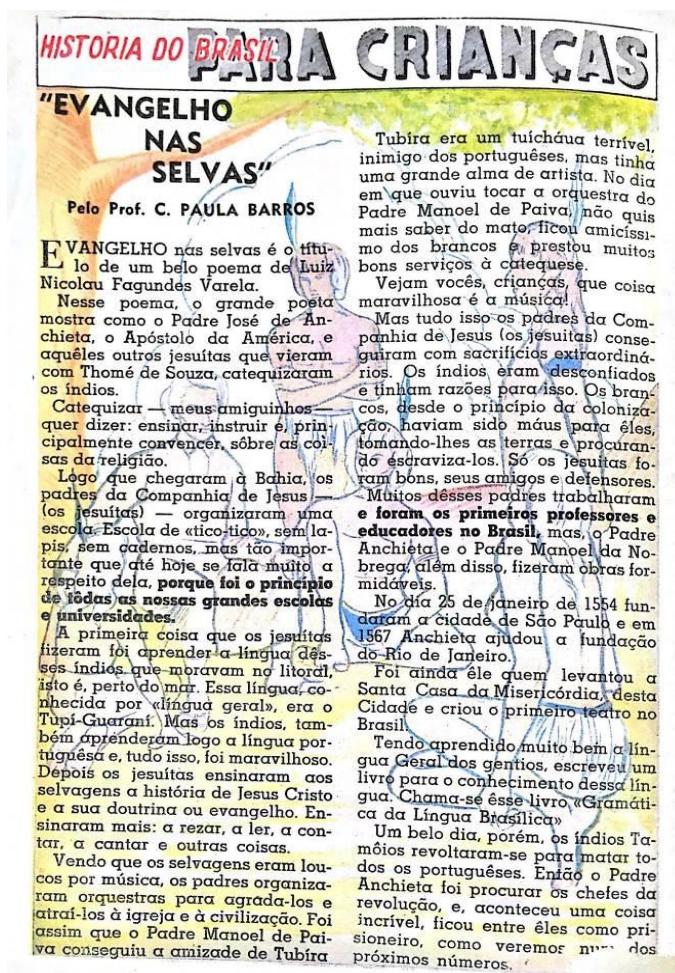


Imagen 2: Coluna *História do Brasil para Crianças* (Jul/ 1948). Fonte: Depositário FBN

Ao longo do texto o autor trata da chegada dos padres da Companhia de Jesus (jesuítas) no Brasil, com destaque para o trabalho realizado na Bahia. Escreve-se, então, sobre o fato de terem sido “as primeiras escolas”, sendo destacadas as devidas proporções, e que, por isso, os jesuítas foram considerados “os primeiros professores e educadores do Brasil”, com especial destaque para os padres José de Anchieta e Manoel da Nóbrega.

Ademais, Paula Barros trata sobre a questão da língua, explicando que:

A primeira coisa que os jesuítas fizeram foi aprender a língua desses índios que moravam no litoral, isto é, perto do mar. Essa língua, conhecida por “língua geral”, era o Tupí Guarani. Mas os índios também aprenderam logo a língua portuguesa e, tudo isso, foi maravilhoso.

O excerto de Paula Barros, bem didático, mas com alguns comprometimentos ideológicos, dá a entender que a aprendizagem da língua portuguesa por parte dos índios foi “maravilhosa”, regular e sem resistências. Contudo, ao contrário da leveza inspirada por esse parágrafo, o autor, três parágrafos depois, ressalta que, na verdade, “os índios eram desconfiados e tinham razões para isso. Os brancos, desde o princípio da colonização, haviam sido maus para eles, tomado-lhes as terras e procurando escraviza-los”. Nesse momento, é possível, finalmente, notar algum tipo de resistência indígena e alguns sentidos do amplo

processo de colonização: as mudanças culturais forçadas, a apropriação das terras e o processo de escravização.

O último parágrafo, da mesma maneira que a edição de janeiro, finaliza indicando o que será abordado em uma das edições seguintes, apresentando, igualmente, fragilidades no discurso: “Um belo dia, porém, os índios Tamoios revoltaram-se para matar todos os portugueses. Então o Padre Anchieta foi procurar os chefes da revolução, e, aconteceu uma coisa incrível, ficou entre eles como prisioneiro, como veremos num dos próximos números”. É possível perceber o tom de convencimento do professor Paula Barros ao escrever tal propaganda, pois visava deixar o público instigado a saber o que aconteceria com o padre Anchieta que houvera ficado “entre eles como prisioneiro”. A estratégia discursiva do autor é interessante, uma vez que faz uso não só do discurso pedagógico, como também do de convencimento. Contudo, como indicado, há algumas fragilidades, pois, além de representar, mais uma vez, os índios como “maus” e “revoltados”, corroborando a ideia de serem “ferozes” e “desconfiados”, coloca o português na condição de vítima.

A edição de dezembro de 1948, finalmente, se intitula “Colonização do Norte” e, diferentemente das outras duas edições analisadas, lança mão de muitos nomes e datas, com alta carga de informação. Outra diferença, também, é o fato de o último parágrafo não propagandear a edição subsequente, como veremos adiante.

O texto aborda, com mais ênfase, o processo de colonização brasileira, com especial enfoque na atual região nordeste, referida como norte na coluna. Dos nomes utilizados, Paula Barros inicia com o de Iracema, personagem do livro “Iracema”, de José de Alencar, para apresentar “um dos heróis do romance, Martins Soares Moreno”, quem, ao longo do texto, é citado novamente para tratar sobre a expedição empreendida pelos portugueses, dentre os quais está Moreno, para expulsar os franceses do Maranhão. Além disso, Moreno é celebrado como “o colonizador do Ceará”. Nota-se, assim, o teor do discurso de Paula Barros, de valorizar os portugueses, sob uma ótica tradicional, denominando-os “heróis” e celebrando o ato de Moreno ter sido, se não o único, pelo menos o mais relevante colonizador do Ceará.

O texto aponta outros nomes, feitos e datas, como Daniel de La Toche (francês, denominado Senhor de La Ravardière), Jerônimo de Albuquerque, Diogo de Campos Moreno (tio de Martins Soares Moreno) e Alexandre de Moura. Enfatiza-se o modo de “criação” dos estados hoje conhecidos como Maranhão e Ceará, salientando, também, que Paraíba, Sergipe, Alagoas e Rio Grande do Norte estavam em processo de colonização.

O último parágrafo traz um discurso muito mais pedagógico do que “publicitário”, pois apresenta o termo “França Equinocial” (sic), que, o autor explica, “quer dizer França da Zona do Equador”. Após, Paula Barros pede que os leitores “peçam à professora que mostre (...) no mapa o Equador e a Zona Equinocial” (sic).

Imagen 3: Coluna *História do Brasil para Crianças* (Dez/ 1948). Fonte: Depositário FBN

A análise das três edições de *História do Brasil para Crianças* permitiu observar alguns dos discursos lançados mão pelo responsável pela coluna: Carlos Marinho de Paula Barros. Esses discursos, ora pedagógicos, ora segundo estratégias retóricas de convencimento, permeiam as explicações realizadas acerca de alguns eventos que compõem a História do Brasil. Ademais, foi possível observar fortes discursos do ponto de vista do colonizador português, o que corrobora a ideia de que a base histórica do autor versava sobre a história tradicional, a qual era construída por meio de grandes feitos, heróis (apenas no masculino) e datas.

Considerações finais

A análise da coluna *História do Brasil para Crianças*, assinada pelo professor Carlos Marinho de Paula Barros, permitiu compreender, em partes, do que se tratava a coluna e como se dava a sua organização. Foi possível observar, outrossim, os “eventos históricos” privilegiados e o modo como foram apresentados e descritos tais eventos.

Salientou-se, também, o espaço de destaque conferido à coluna na organização da revista: em todas as edições analisadas aquela se localizava na parte de trás da capa, ocupando não só um dos primeiros espaços da revista (que, em geral, era composta de 65 páginas), como também podendo ser vista logo por quem abrisse o material. O artigo buscou, por fim, contribuir com as discussões nos ramos da História da Educação e da Leitura, por meio da análise de uma coluna componente de uma revista voltada para o leitor criança intitulada *Vida Infantil*.

Referências

- BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da Leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- REVISTA VIDA INFANTIL. Ano II. Números 3, 9 e 14. 1948.
- SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. 2011. (Dissertação de mestrado em educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro , 2011.